MOREIRA, Vicente Martos. **O Sistema-Casa: corpos políticos e residências artísticas enquanto máquinas de subjetivação**. Natal/RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Mestrado, Orientadora: Prof. Dr. Naira Ciotti. Bolsista CAPES.

RESUMO: Este artigo busca traçar uma reflexão sobre o processo de compartilhamento, atualização e criação de performances em residências artísticas. Entendemos o deslocamento a novos contextos como uma importante estratégia para o artista conectar-se com novas realidades disparadoras de emergências poéticas. Os estudos sobre a cena contemporânea, a partir de Renato Cohen e a construção de performances compartilhadas em residências apontam a impossibilidade de que um *estado do corpo* possa ser dissociado de um lugar específico. A noção de construção cênica em residência aproxima-se do conceito de performance e da cena contemporânea à medida em que se trata de um campo configurado em seus diversos agentes: artistas, corpos de conhecimento, contextos político-sociais, estruturas de poder etc. O *estado do corpo em residência* surge da relação entre o artista e o contexto em que se encontra ao deslocar-se. No presente estudo, o artista contemporâneo é identificado enquanto agenciador de poéticas em diferentes contextos político-sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Performance, Residência artística, Curadoria, Pós-produção.

ABSTRACT: This article intents to discuss the sharing process of performing arts, and the process of creating performances in art-residencies. We understand the displacement to new contexts as an important strategy for the contemporary artists to connect themselves with new realities, generating new poetic emergencies. Studies on the contemporary theatrical scene from the studies of Renato Cohen and the construction of shared performances in residences lead us to know the impossibility of a state of the body dissociated from a specific place. The notion of scenic construction in residence is close to the concept of performance and the contemporary theatrical scene as it is a field configured in its various agents: artists, bodies of knowledge, socio-political contexts, structures of power. The state of the body *in residence* comes up from the relation between the artist and the context in which he is inclueded. In the present study, the contemporary artist is identified as an agent of poetics in different socio-political contexts.

KEYWORDS: Performance, Artistic residence, Curatorship, Post production.

O Mapeamento de Residências Artísticas no Brasil realizado pela FUNARTE em 2014 define a residência como um *deslocamento*. Segundo artigo de Ana Vasconcelos que integra a publicação, para o artista é de extrema relevância o ato de se deslocar para ir ao encontro do outro, sendo sua produção artística muito beneficiada com esse processo. O deslocamento a uma nova realidade possibilita ao artista o contato com outras dinâmicas de espacialidade, outras relações humanas, políticas, bem como outros de si, outros de nós, outras de nossas atualizações possíveis. Não só um importante campo para que o artista crie seu trabalho, as residências significam o estabelecimento de uma rede de trocas, expandindo o alcance de suas ações culturais, da formação e difusão de pensamentos e produtos artísticos. Ao passo que envolve o deslocamento do artista de seu lugar de origem e a ua re-estruturação do lugar de morada, a residência artística compreende em si mesma o des-território e o re-território: abandono, movimento e reconstrução.

> "(...) a residência artística é um movimento de se deslocar no tempo e no espaço para encontrar o outro, entendido no sentido literal, o 'outro-outro' a partir da troca, mas também o seu 'eu-outro', aquele que você só encontra a partir da experimentação" (VASCONCELOS, 2014).

No ano de 2016 fui convidado a participar de uma residência na cidade de Natal. A duração seria de uma semana, que se estendeu a princípio por dois meses e no presente momento já se soma um ano. Citarei mais informações sobre esse evento ao final do artigo, a princípio apenas ilustro o deslocamento que está em pauta e sob o qual me pronuncio nesta comunicação: da minha cidade natal - Guarulhos/SP, para o Rio Grande do Norte, há uma ano, período que tem sido uma valiosa oportunidade de trocar com os artistas da cidade e suas dinâmicas de trabalho. Este percurso vem sendo um espaço de conexão mais direta com as questões políticas que julgo importantes de serem tratadas em nossos trabalhos artísticos, como a crescente onda de discursos de ódio no Brasil, a institucionalização da homofobia e o atual cenário político em que vivemos. Entendo a universidade como um espaço para a reflexão e elaboração das questões emergentes do momento atual. Em paralelo, pretendo configurar o meu

trabalho em residência como uma incubadora de ideias e ações, atribuindo um olhar mais sensível ao residir enquanto *estado do corpo*.

A noção do fazer artístico em paralelo ao ato de residir pode ser bem contemplada com os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari em seu capítulo “Percepto, Afecto e conceito” (1992)**.** Para os autores, a obra de arte é, em si mesma, um “bloco de sensações”. Esses blocos de sensações são formados por Perceptos e Afectos, que atuam efetivando e mantendo esse sistema de auto-conservação que carrega consigo a obra de arte.

Os perceptos não são o conjunto de percepções que determinado sujeito faz e carrega do mundo; os Afectos não são mais os sentimentos e afetos de alguém para com um objeto qualquer: ambos são transbordamentos de força daqueles que são atravessados por eles. “A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si [...], embora, de fato, não dure mais que seu suporte e seus materiais [...], pedra, tela, cor química etc.” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p 193). É o sorriso de Monalisa que surgiu-se enquanto imagem na cabeça de Leonardo, mas que jamais se desfaz na tela onde foi pintado. Os artistas - corpos que produziram as obras, não têm mais o controle sobre tais atravessamentos, são blocos de sensações que operam no mundo de forma independente, sempre iguais, sempre a se conservar.

“As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (*ibidem*, p. 194). Um trabalho de arte, para se manter em pé, conserva em si um bloco de sensações, provocando no momento presente o seu agenciamento e atualização. É o devir girassol nas pinturas de Van Gogh, por exemplo. Enquanto dura a materialidade da coisa - ou seja, a sua eternidade - dura o bloco de sensações. Sai do corpo do artista através do processo de sintaxe - que são as linguagens possíveis para construção de blocos de sensações - e se organiza no espaço enquanto uma casca, uma armadura, uma *casa.*

Dentro desse sistema, o artista opera como corpo em uma lógica casa-corpo-universo, em que o universo é todo o plano de fundo construído pelo conjunto de perceptos e afectos, e a casa a sua organização dos planos através do processo de sintaxe. É na casa que o corpo se coloca em relação com o universo, selecionando, trazendo a tona os devires que percebe - as cores, os cantos, as posturas do corpo.

> "A arte começa talvez com o animal, ao menos com o animal que recorta um território e faz uma casa (os dois são correlativos ou até mesmo se confundem por vezes no que se chama habitat). […] Com o sistema território-casa muitas funções orgânicas se transformam, sexualidade, procriação, agressividade, alimentação. […] o território implica na emergência de qualidades sensíveis puras, *sensibilia* que deixam de ser unicamente funcionais e se tronam traços de expressão." (*ibidem*, p. 217)

É no ato contínuo de constituir uma casa que o corpo se transforma em *estado de habitar*, filtrando os perceptos e afectos do universo e servindo como uma lente que cria esta construção de lar; desta forma, a casa é a imagem que este *corpo-lente* produz.

> "A casa não é o lugar onde o corpo opera, no sentido de manipular os elementos e as relações entre eles, mas, no sentido de se transformar nesses elementos e nessas relações, numa condição muito mais de ser que de funcionar para alguma coisa" (*ibidem*).

Ainda no sentido de relacionar a construção poética ao ato de residir, Gastón Bachelard vai nos trazer a ideia de que a casa é também um arquivo de imagens que são produzidas e colecionadas pelos corpos ao longo da vida. Essas imagens vão formando uma coleção de imagens, o que no contexto desta pesquisa pode ser entendido como uma preciosa fonte de exploração. É na casa enquanto ato de residir que acessamos a memória e estabelecemos a sua relação com os espaços distantes de nossas vidas. Nessa relação os conceitos de memória e imaginação se fundem.

> "A casa, como fogo, como a água, nos permitirá evocar, na sequência de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do material com a lembrança. Nessa região longínqua memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para o seu aperfeiçoamento mútuo. […] a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história,

> na nanarrativa de nossa história. Pelos sonhos as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos." (BACHELARD, 1989, p. 25).

Partindo dessas reflexões, seria possível investigar um certo "estado de residência", o estado de quem habita uma casa. Este estado seria um território de criação e construção de novas proposições performáticas, poéticas, dramatúrgicas e imagéticas.

A cena contemporânea é um campo de configuração: performance como topos divergente

O legado do artista e pesquisador Renato Cohen aponta para a cena contemporânea enquanto um campo de configuração. Para o autor, quando se fala de performance e teatro contemporâneo estamos tratando de cenas que surgem a partir dos agenciamentos possíveis do artista com os hipertextos e conteúdos emergentes das relações de seu corpo com o espaço, com a memória, com os elementos auto-biográficos e suas idiossincrasias. "O artista contemporâneo imbui-se da missão de criar contexto, e não mais texto, obra" (COHEN, 2004, p. XXIX). A compreensão de um processo de criação em residência artística poderia se aproximar do conceito de performance e da cena contemporânea apontado por Cohen, a medida em que se trata de um campo híbrido configurado em seus diversos agentes: artistas, corpos de conhecimento, contextos político-sociais, estruturas de poder etc.

Um apontamento teórico do qual nos apropriamos é a noção de Topos-Cênico. Segundo Cohen (1989), a cena teatral pode ser posicionada em dois modelos de recepção: o modelo estético, sob os quais se concentram os exemplos tradicionais da encenação: o teatro-prédio, uso da convenção teatral, quarta parede e a construção de um espaço cênico neutro para a elaboração de signos e realidades; e o modelo mítico, onde a cena não mais compreende um espaço neutro mas sim o espaço da cidade, as vozes que dele emergem, um espaço permeado de signos e dinâmicas já existentes.

> (...) quando falamos de "espaço", o "espaço da cena", intrinsecamente estamos associando este espaço a um tempo (o tempo real em que a cena está acontecendo).

> Por último, cabe lembrar que nesta especulação inicial procuraremos buscar outras relações para o conceito de “espaço”, além da conotação mais direta que é a física (ao pensarmos num espaço, temos a tendência de visualizarmos um lugar físico). Ao invés de um “espaço”, passaremos a utilizar o termo *topos* que remete a um lugar físico e também a um lugar psicológico, um lugar filosófico etc. (COHEN, 1989 p. 116)

De acordo com esse pensamento, as manifestações cênicas contemporâneas passam a lidar com as vozes e hipertextos provenientes dos lugares físicos, psicológicos, históricos e particulares. As emergências cênicas são máquinas deleuzianas que operam com agenciamentos, rostidades, construções assimétricas, colagísticas e rizomáticas. Ela se relaciona com os aspectos emergentes do topos - a relação com o lugar, com as questões históricas, as circunstâncias urbanas, as engrenagens do poder e dos micropoderes, desenvolvendo-se numa lógica de meta-autoria, meta-codificação, meta-curadoria; dramaturgias que surgem à medida em que se disparam dispositivos cênicos, códigos, fazendo-se atual no tempo-espaço presente.

> Conceitos como os de ‘território’, ‘agenciamento’, “devir’, ‘singularidade’, ‘máquina’, ‘fluxos’, ‘rizoma’ - todos eles dentro da lógica deleuzo-guattariana e que têm em comum a noção de dinâmica, processo, reocupação de espaço físico, imaginário, mental - dão contingência e abrangência teórica aos novos modelos (...). Explicitam também outros modos narrativos que operam redes, fluxos pulsionais e sequências não-causais (*ibidem*, p. 23)

Assim como a definição de cena contemporânea acima apontada, as residências artísticas trabalham com agenciamentos promovidos por artistas, curadores independentes, encenadores, pesquisadores, universidades e diversos outros profissionais da arte e cultura no território nacional. Este processo, no contexto das artes performativas, trata-se de uma organização, uma *configuração* de elementos ou módulos que podem se agenciar sob diferentes formas e em decorrência de diferentes contextos. O presente estudo propõe um *estado de residência* como forma de estabelecer um campo de escrita. Esse processo é um sistema onde o artista configura os componentes que deseja apresentar.

A ação do artista nesse circuito de emergências performativas, *in progress*, serve como base para traçar a ideia de uma não-curadoria: ao longo das estadias e das permanências e contextos que não são o seu, os residentes geram escrituras, identificam os encadeamentos de processos artísticos de suas performances, bem como a sua reorganização e as consequentes práticas de performatização. A convivência, os novos sítios geográficos em que são inseridos e as relações arte-vida configuram um potente território de criação.

Propomos aqui uma relação entre a reflexão acima citada com os estudos de Nicolas Bourriaud (2004) sobre a contemporaneidade como uma possível era da pós-produção. Para o autor, desde Marcel Duchamp, a Bauhaus e a pop-art, o artista contemporâneo opera na era da pós-produção: ele trabalha não mais como o artista do impressionismo, por exemplo, que busca dar forma à partir da matéria bruta - as paisagens que Monet coloca na tela branca; em um sentido oposto, na era do mercado e da intensificação do capitalismo, o artista atribui o seu olhar a objetos prontos, usando discursos que já existem, deslocando-os de contexto e remetendo-lhes novas significações.

> Nessa nova forma cultural que pode ser designada como cultura do uso ou cultura da atividade, a obra de arte funciona como o término provisório de uma rede de elementos interconectados, como uma narrativa, que prolonga e reinterpreta as narrativas anteriores. Cada exposição contém o enredo de uma outra; cada obra pode ser inserida em diversos programas e servir como enredo múltiplo. Não é mais um ponto final: é um momento na cadeia infinita das contribuições. (BOURRIAUD, 2009, p. 23).

Ao imergir com seu trabalho em uma determinado contexto, o artista identifica as emergências poéticas, dispara diálogos entre o seu corpo e esse novo ambiente, dialoga com as características específicas daquele espaço-tempo. São as suas possibilidades de atualização e criação poética. Também é um novo terreno onde pode plantar questões que já vinha semeando em outros sítios; o seu trabalho artístico vai progressivamente

ganhando repertórios de atualizações a medida que aumenta a sua “amostragem” de realizações.

A produção do artista da performance, colocado aqui enquanto *residente em relação* - com o espaço, com outros habitantes, com seus interlocutores etc., opera na lógica da pós-escrita ou pós-produção, uma vez que está ligada a processos, contextos e discursos já existentes. Ele trabalha na atualização e não na ideia de obra pronta, encerrada, hermeticamente fechada; é um término provisório que pode voltar a se abrir quando inserido em novos contextos.

para re-performar tempos difíceis: residir pode ser resistir?

Os apontamentos para uma possível proposta de ação-performance nesta pesquisa poderiam ser lidos sob a frase “residir é resistir”. Quais as possibilidades de encontro quando artistas estão compartilhando espaços de morada e criação? Como os espaços de colaboração podem se organizar no contexto das novas mídias e, principalmente, como essas organizações espaciais podem se tornar um corpo político, no sentido de resistir aos tempos sombrios como o atual contexto político e social do Brasil?

Em consonância com Ana Vasconcelos mensionada na abertura desse artigo, o artista e curador Amilcar Packer, em seu artigo “Resiliências Artísticas”, nos apresenta uma reflexão da residência artística consistindo no *deslocamento*. Packer atribui importância e relevância a esse deslocamento pela forma como, colocado em outro contexto, o artista se vê livre das amarras de produtividade do sistema capitalista neoliberal ao qual a vida cotidiana está envolvida. Segundo o autor, as residências artísticas:

> “(...) propõem a mobilidade dos profissionais das artes como meio de criar condições propícias para a pesquisa […], promovendo literalmente a desterritorialização como condição básica da criação. Isso se daria proporcionando temporalidades distintas das exigidas pelo vigente sistema de aceleração da produtividade, como as universidades, que deveriam resguardar e

> ampliar as condições mínimas para o pensamento, dentre elas o tempo e a sua não instrumentalização.” (PACKER, 2014, p. 28)

Ao me deslocar de São Paulo a Natal, em outubro de 2016, participei enquanto artista da residência artística REPERFORMAR O AFETO[1], realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/DEARTE), idealizada e coordenada pela prof. Dra. Naira Ciotti. Nos reunimos ao longo de uma semana com Rita Cavassana, Wellington Júnior e Cristiana Nogueira, artistas-professores de diferentes estados do país, e nos conectamos com os artistas da graduação em Teatro da universidade.

Na ocasião, assim como em muitas outras capitais do país, acontecia no prédio da reitoria da UFRN a ocupação estudantil, organizada através da parceria entre representantes do Diretório Central do Estudante da universidade (DCE), discentes do Departamento de Artes e o coletivo Maria Ocupa[2]. A ocupação era um protesto contra a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, posteriormente intitulada PEC 55[3], que depois de aprovada fixou para os três poderes um limite anual no crescimento das despesas públicas nos próximos vinte anos. Se por um lado a sua justificativa é de que a medida visa pelo maior controle das finanças e dívidas do governo, para as áreas da educação e cultura, que carecem de maiores investimentos, a medida se torna uma sentença de congelamento. Muitos alunos e também docentes participaram da ocupação, que contou com uma intensa programação de aulas abertas, palestras e apresentações artísticas. Dentro desta programação a nossa residência contribuiu com ações performáticas e rodas de conversa. Através dos nossos corpos presentes *em relação* (em performance), o Departamento de Artes e a Reitoria estavam conectados a nossa casa.

Em 2017, o cenário da PEC está consolidado. Não só na educação, mas o plano de cortes do atual des-governo segue a galopes, e vem recentemente ocupando lugar

---

[1] Publicação independente de REPERFORMAR O AFETO: vicentemartos.wixsite.com/reperformaroafeto
[2] sobre a ocupação, visitar noticiário apontado nas referências bibliográficas desse artigo
[3] informações sobre o andamento da PEC241, bem como seu texto completo, podem ser acessadas na página http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351, visitada em 20/11/2017

de destaque nos noticiários nacionais. Em um ano de estada e moradia na cidade de Natal, imerso no Departamento de Artes enquanto aluno e pesquisador do Mestrado em Artes Cênicas, presenciamos: a reforma trabalhista foi aprovada na câmara dos deputados em 26 de abril[4], descartando direitos conquistados pelos trabalhadores nas últimas décadas; o juíz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal, concedeu uma liminar que abre possibilidade de psicólogos tratarem a homossexualidade como "doença curável" ou "quadro reversível"; o aborto passa a ser criminalizado, através da votação da PEC 181/2017, enquanto prática mesmo em casos gravidez recorrente de violência contra a mulher, ou ainda que lhe ofereça riscos de vida[5].

Na presente atualização a proposta que vem sendo construída colaborativamente entre os artistas da graduação[6] e demais pesquisadores do Laboratório de Pesquisa em Performance e Teatro Performativo[7]. Como uma reverberação de REPERFORMAR O AFETO, o contato com esses mesmos parceiros e parceiras, ou ainda outros estudantes-artistas que conheci ao longo desse período, desperta em nossos corpos a vontade de dialogar com inquietações do momento.

Em nossos encontros temos elaborado manifestos pessoais que localizem politicamente nossos corpos em ação artística. Os manifestos têm sido trabalhados como disparadores de performances e outras formas de expressão. São muitos os assuntos sobre os quais nossos corpos querem falar: o corpo da mãe, o corpo que persiste se medicando, o corpo negro, o corpo da mulher transexual, o corpo da homossexualidade que transita nos novos meios de comunicação e na era das relações através de aplicativos.

---

[4] texto completo da reforma trabalhista: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1550864&filename=Tramitacao-PL+6787/2016

[5] texto completo da Proposta de Emenda Constitucional 181/2015: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2075449

[6] Licenciatura em Teatro / Universidade Federal do Rio Grande do Norte

[7] Laboratório sob coordenação da Prof. Dra. Naira Ciotti, integrante do grupo de pesquisa Cirandar (DEARTE/UFRN).

Entendemos que estudantes de arte são um dos principais grupos afetados com as mudanças anunciadas para a educação, arte e cultura. Atraves do noticiário aqui citado é possível entender que as pautas discutidas pelas instâncias políticas vem se demonstrando cada vez mais conservadoras e com pouca aceitação e tolerância à diversidade. Podemos usar como ilustração desta hipótese as frequentes tentativas de algumas frentes ditas movimentos sociais, que se aproveitam da atual formação de senadores, ministros e deputados para a consolidação de um plano educacional exclusório e não-livre, que limita o pensamento e controla a produção e disseminação de conhecimento.

Acredito que deslocar-me do meu local embrionário para a cidade de Natal, estando contato constante com esse processo de compartilhamento e colaboração mútua entre os artistas pode ser compreendido como uma residência artística na qual desenvolvo minha pesquisa. Nós, performers, estamos continuamente explorando as nossas inquietações e compartilhando os espaços de criação. Neste fluxo apagado da história vigente - aqui de casa, na sala de aula, onde ninguém nos vê, o conhecimento é construído no sentido de criar espaços onde desenvolvemos uma noção crítica do mundo, da vida social e da vida política da qual fazemos parte.

As residências artísticas aqui são entendidas como processos de trabalho que geram possibilidades de atualização e re-significação de afetos: são máquinas de subjetividades que operam segundo a lógica do encadeamento de artistas, contextos geográfico-sociais, compartilhamento de processos. Os processos de compartilhamento e colaboração entre artistas da performance, no contexto da universidade e dos circuitos não comerciais, são agenciamentos que possibilitam um campo expandido para o entendimento desas curadorias.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gastón; **A poética do espaço**, ed. Martins Fontes, São Paulo, 2005

BOURRIAUD, Nicolas; **Pós-Produção**, ed. Martins, São Paulo, 2009
COHEN, Renato; **Performance como linguagem**, ed. Perspectiva, São Paulo, 1989
COHEN, Renato; **Work in progress na cena contemporânea**, ed. Perspectiva, São Paulo, 2002
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; **O que é a filosofia**, ed. 34, São Paulo, 1992
PACKER, Amílcar; **Resiliências Artísticas**, em Mapeamento de Residências Artísticas no Brasil; FUNARTE, Rio de Janeiro, 2014.
VASCONCELOS, Ana; **Apontamentos para a construção de um programa Funarte de residências artísticas**, em Mapeamento de Residências Artísticas no Brasil; FUNARTE, Rio de Janeiro, 2014.

PÁGINAS E ENDEREÇOS WEB:

vicentemartos.wixsite.com/reperformaroafeto (sobre residência Reperformar o Afeto, visitado em 09/11/2017)
http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1550864&filename=Tramitacao-PL+6787/2016 (sobre a Reforma Trabalhista, visitado em 11/11/2017)
http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351 (sobre PEC 241, visitado em 10/11/2017)
http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2075449 (sobre PEC 181, visitado em 10/11/2017)
http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/estudantes-ocupam-pra-dio-da-reitoria-da-ufrn-em-natal/361777 (sobre a ocupação estidantil da UFRN em 2016, visitado em 12/11/2017)
http://coletivomariamaria.blogspot.com.br (sobre Coletivo Maria Ocupa, visitado em 13/11/2017)